

**ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA DE ARTIGOS DE CLUSTERS E  
INTERNACIONALIZAÇÃO EM PERIÓDICOS DE ALTO IMPACTO  
NO PERÍODO DE 2000 A 2010**

*BIBLIOMETRIC ANALYSIS OF ARTICLES ABOUT CLUSTERS AND  
INTERNATIONALIZATION IN HIGH IMPACT JOURNALS  
IN THE PERIOD OF 2000 TO 2010*

Marcia Regina Santiago Scarpin<sup>1</sup>  
Vanessa Edy Dagnoni Mondini<sup>2</sup>  
Jorge Eduardo Scarpin<sup>3</sup>  
Marcelo Pedro Vieira<sup>4</sup>

**RESUMO**

*Clusters são concentrações geográficas de empresas e instituições, interconectadas por uma determinada área de interesse, e se caracterizam pela competição e cooperação. As redes industriais fomentam os sistemas de inovação e cooperação entre as empresas, tornando-as mais competitivas, e, conseqüentemente, a região em que estão inseridas. Conceituadas como conjunto de relacionamentos interligados entre empresas fazem parte da interconexão dentro de um cluster, sendo que a posição da empresa dentro da rede determina o seu desenvolvimento futuro, em virtude dos ativos de mercado que detém e que tem acesso, pois quanto mais relacionamentos a empresa tiver e quanto mais profundos se revelarem, melhor será o seu envolvimento nos mercados internacionais. Dada à importância do tema, este estudo teve como objetivo levantar a produção científica do tema cluster e internacionalização nos periódicos de alto impacto brasileiros de 2000-2010. Para tanto, realizou-se uma pesquisa descritiva, com método qualitativo e de caráter documental, utilizando-se do estudo bibliométrico. Foram encontrados 28 artigos, a maior parte deles publicado no ano de 2008, com sua divulgação, em grande quantidade de periódicos, representando, em média, 1,75 artigos por periódico. A vinculação dos autores mostrou-se bastante diversificada, com 25 IES, sendo a mais representativa a Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC e com grande concentração nas instituições das regiões sul e sudeste. A maior parte das produções, 50%, deu-se com dois autores e em estudos qualitativos, com a predominância de estudos de caso e multi-casos.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Clusters. Competitividade. Internacionalização.*

**ABSTRACT**

---

<sup>1</sup> Possui graduação em Administração de Empresas pela Faculdade Estadual de Ciências Econômicas de Apucarana. É mestre pela Universidade Regional de Blumenau. Atualmente é doutoranda no programa de pós-graduação da Fundação Getúlio Vargas – EASP. E-mail: mrs.scarpin@gmail.com.

<sup>2</sup> Graduada em Comunicação Social, especialista em Marketing e em Gestão e Tutoria do Ensino a Distância, mestre em Administração pela FURB - Universidade Regional de Blumenau. Atualmente, é professora de graduação e pós-graduação no Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSELVI. E-mail: vanessa.argus@yahoo.com.br.

<sup>3</sup> Possui doutorado em controladoria e contabilidade pela Universidade de São Paulo. Atualmente é professor permanente no Programa de pós-graduação em Ciências Contábeis da Universidade Regional de Blumenau (PPGCC/FURB) nos cursos de Doutorado em Ciências Contábeis e Administração e no Mestrado em Ciências Contábeis. E-mail: jscarpin@gmail.com.

<sup>4</sup> Graduado em Administração, Mestrando em Administração pela FURB. E-mail: mpvieira.al@gmail.com.

*Clusters are geographic concentrations of interconnected companies and institutions for a particular area of interest, and they are characterized by competition and cooperation. Industrial networks foment innovation systems and cooperation between firms, making them more competitive, and hence the region in which they are inserted. Conceptualized as a set of interconnected relationships between companies, they are part of interconnection within a cluster, and the company's position within the network determines its future development, by virtue of the market assets that it holds and who has access, because the more relationships the company has and the more profound, better will be their involvement in international markets. Given the importance of the subject, this study aimed to raise the scientific production of cluster theme and internationalization in high impact Brazilian journals of 2000-2010. For that it was performed a descriptive research, with qualitative method and documentary character, using bibliometric profile study. There were 28 articles found, most of them were published in 2008, with its disclosure in a large number of journals, representing on average 1.75 article per journal. The binding of the authors proved quite diverse, with 25 HEI, being the more representative UFSC and with great concentration on the institutions of South and Southeast. Most of the productions, 50%, had two authors and in qualitative studies, with the predominance of case studies and multi-cases.*

**KEY WORDS:** *Clusters. Competition. Internationalization.*

## **Introdução**

Marshall (1927) já levantava o interesse pelo tema mercantilismo que acabou levando às indústrias localizadas. O autor relata que essas indústrias possivelmente surgiram e foram instaladas considerando o fator das condições físicas. Com a primeira indústria instalada vieram outras, e também surgiram pessoas que possuíam conhecimento especializado sobre determinado ramo de atividade. Esse agrupamento gerou um conhecimento mútuo sobre determinado assunto, favorecendo a mão de obra especializada, novas ideias e inovação entre as empresas, auxiliando tanto o empregado quanto o empregador.

Essa concentração de empresas fortaleceu seu mercado interno, aumentou a mão de obra especializada, ajudou a reduzir custos de tarifas, aproximou fornecedores, e facilitou às empresas, adquirirem aquilo que precisavam para seu processo produtivo. Porter (1999) denominou essa localização geográfica de “*cluster*” e, após quatro anos de estudos, realizados em países como Dinamarca, Alemanha, Itália, Japão, Coreia, Singapura, Suécia, Suíça, Reino Unido e Estados Unidos, formou um modelo para analisar a competitividade das nações, intitulado “Diamante”.

O interesse pelo tema *cluster* regional tem aumentado substancialmente nos últimos anos, tanto pelos acadêmicos quanto pelas políticas públicas. As principais razões estão relacionadas aos números e à intensidade da inter-regionalização e da internacionalização para a competitividade na econômica global. Um dos resultados disso foi à proliferação da economia baseada em *clusters* como políticas de desenvolvimento.

A *clusterização* regional é encontrada em todas as economias avançadas e, substancialmente, em economias em desenvolvimento, ratificando a importância do tema para a economia de determinada região. Com isso, o principal **objetivo** desse estudo é levantar a produção científica do tema *cluster* e internacionalização, nos periódicos de alto impacto brasileiros de 2000-2010, e verificar o quanto está sendo estudado este assunto tão relevante para a competitividade econômica.

Este estudo será dividido em cinco seções. Além dessa, a segunda abordará o referencial teórico com a delimitação do conceito de *cluster* e discussão de suas tipologias; abordagens teóricas sobre a internacionalização de empresas; *clusters* regionais e competitividade: as diferentes perspectivas teóricas; vantagens dos *clusters* e competitividade relacionada à globalização. Na terceira seção serão apresentados os procedimentos metodológicos. Na quarta, a análise dos resultados e, por fim, as considerações finais.

### **Delimitação do conceito de *cluster* e discussão de suas tipologias**

A definição do conceito *clusters* é ambígua. Sua caracterização pode se dar em função da proximidade geográfica, interdependência, concentração e conexão de firmas; defendidas pelos autores (PORTER; 1999, ENRIGHT; 1991). Também pode ser entendida como: competitividade por suas virtudes (FESER, 1998); visão em *clusters* inovadores; câmbio de bens/serviços e conhecimento; inovação, competitividade, reinvenção e estratégia; devem levar à competitividade, assim, chegando à nova economia do conhecimento (*knowledge economy*).

Em uma visão geral, podemos classificar *clusters* como concentrações geográficas de empresas, relacionadas ou complementares, que atuam na mesma cadeia produtiva, auferindo vantagens de desempenho ao compartilharem, infraestrutura, mercado de trabalho especializado, conhecimento (PORTER, 1999). Porém, independente dos conceitos apresentados, todos proporcionam vantagens relativas ao conhecimento, cooperação e inovação.

Sua definição, no entanto, impõe um problema. Muita terminologia similar tem sido utilizada para *clusters*, com diferentes características. *Clusters* devem ser caracterizados levando em conta suas dimensões, que devem ser distinguidas, para aí sim, serem entendidos. Enright (2000) aborda algumas dimensões particulares que podem ser úteis:

- O escopo geográfico do *cluster*, extensão territorial, referente às suas firmas, clientes, fornecedores serviços de apoio e instituições que pertencem a ela;

- Densidade do *cluster*, referindo-se ao seu número e peso econômico;
- Largura do *cluster*, referindo-se ao alcance horizontal das indústrias a ele relacionadas;
- Profundidade do *Cluster*, referindo-se ao alcance vertical relacionado às indústrias dentro do *cluster*, (se contêm ou não passos dentro da sua cadeia de valor);
- Atividades nas quais são baseados esses *clusters* tem-se como base a natureza ou o desempenho da região;
- Capacidade de venda geográfica que prove um indicador de alcance do *cluster*;
- Força da competitividade e do posicionamento, para saber se o *cluster* é um líder mundial, supranacional ou dentro da nação, e qual a força dessas firmas dentro da competição.

As atividades desenvolvidas dentro de um *cluster* são normalmente geradoras ou adaptadoras de tecnologia. Sua caracterização dentro dessas dimensões promove o entendimento dos potenciais problemas que possibilitam a criação de políticas e estratégicas dentro desses *clusters*. Também se deve ressaltar que para determinar as dimensões de um *cluster* regional, se necessita de julgamento sobre a atividade, largura, e outros fatores que devem ser levados em conta.

### **Abordagens teóricas sobre a internacionalização de empresas**

A globalização e as quebras de barreiras levaram ao fenômeno da internacionalização das organizações. Para a economia esse fenômeno pode ser entendido como a busca das empresas pelo exercício de suas atividades e expansão de seu potencial de mercado, em países estrangeiros (BUCKLEY, 2002).

Existem diversas teorias que buscam responder o porquê das empresas se internacionalizarem. Essas teorias podem ser agrupadas em três correntes: econômica, comportamental e estratégica. Na teoria econômica da internacionalização são estudadas as Teorias de Custos de Transação (WILLIAMSON, 1975), Teoria da Internalização (BUCKLEY; CASSON, 1976) e o Paradigma Eclético da Produção Internacional (DUNNIG, 1980). Já a teoria comportamental contempla o Modelo de Uppsala, que busca explicar o processo e as forças que atuam no decorrer da internacionalização (JOHANSON; WIEDERSCHEIM-PAUL, 1975), e a Teoria de Networks, (FORSGREN; JOHANSON, 1992) afirmando que o grau de internacionalização da empresa depende da rede na qual ela se insere, ou seja, as empresas têm acesso a recursos que pertencem a outros agentes, conforme

sua posição na rede. Com isso, o grau de internacionalização da empresa passa a depender do grau de internacionalização da rede, o que pode ser favorável ou não. Uma empresa inserida num aglomerado como um *cluster* pode se beneficiar das vantagens competitivas que a rede pode lhe oferecer.

### **Clusters regionais e competitividade: as diferentes perspectivas teóricas**

Os *clusters* regionais são aglomerações de empresas situadas a certa proximidade, com indústrias similares ou relacionadas (ENRIGHT, 1991). Sua definição engloba: a) distritos industriais; b) concentrações de firmas de alta tecnologia que utilizam padrões tecnológicos similares; e c) sistema de produção, cujo centro são grandes empresas, em torno da qual gravitam fornecedores locais e seus satélites.

Alguns autores dividem os *clusters* regionais em categorias. **Distritos industriais**, também conhecidos por *clusters* marshallianos, que são sistemas locais de produção caracterizados pela existência de um conjunto de pequenas e médias empresas em torno de uma indústria dominante, onde as firmas frequentemente se especializam em diferentes etapas do processo produtivo (SFORZI, 1992; MARKUSSEN, 1995). **Arranjos produtivos locais**, formado por pequenas e médias empresas agrupadas em torno de uma profissão ou de um negócio, compartilham de uma cultura comum e interagem como um grupo, com ambiente sociocultural local. Suas relações têm natureza cooperativa/competitiva, e tendem a gerar ganhos em escala, economias externas, socialização do conhecimento e redução dos custos de transação. Já Cassiolato e Lastres (2003) propõem caracterizar arranjos e sistemas produtivos locais como sistemas de inovação. **Rede de empresas** apresenta certo grau de interdependência, porém não operam necessariamente em indústrias relacionadas. **Ambiente inovador**, considerado uma rede intra-regional de agentes inovadores em uma determinada região, aumenta a probabilidade de crescimento para as firmas e, conseqüentemente, para o desenvolvimento regional.

De acordo com Porter (1999), os *clusters* afetam a competição das empresas de três maneiras: quando aumentam a produtividade das empresas numa determinada região; ao determinar a direção e o ritmo da inovação que contribui para o crescimento da produtividade futura; e ao estimular a formação de novos negócios que expandem e fortalecem o *cluster*.

Diferentes perspectivas teóricas são abordadas dentro do conceito *cluster*, tais como concentração geográfica; diamante do Porter e sistemas regionais de inovação.

A concentração geográfica dentro de um *cluster* regional já foi explorada por um número grande de autores como (MARSHALL, 1927; WEBER, 1929). Eles incluem a presença de um recurso natural único de produção, economia de escala, proximidade de mercado, força de trabalho de presença local de *inputs*, fornecedores de equipamento, infraestrutura compartilhada, redução de custos de transação e externalidades locais. Os autores falam que recursos naturais únicos e economia de escala extrema promovem uma racionalidade da localização mais direta. Do ponto de vista sociológico do comportamento oportunista, dentro dessas transações existe um ponto de confiança entre os agentes econômicos locais e similaridades culturais, bem como certa coerção dependente dentro das firmas. Estudos demonstram uma relação próxima entre organizações industriais e concentração geográfica de indústrias e isso implica diretamente no desenvolvimento de *clusters* e performance da inovação em *clusters* regionais.

Com base na definição marshalliana, a abordagem de Krugman (1991) reconhece os benefícios de custos a partir do acesso das empresas a um mercado de trabalho local eficiente; ganhos para empregados e empregadores; acesso a fornecedores e canais de distribuição especializados; e redução dos custos de transporte, gerando externalidades de escala locais. O autor enfatiza ainda que vantagens baseadas em custos, que são geradas pelas economias externas de escala, permitem o crescimento dos *clusters*. Contudo, Krugman não reconhece os benefícios relativos aos custos do *spill-over* da informação entre os produtores da mesma indústria. Para Krugman (1991), as externalidades tecnológicas têm uma abrangência internacional e não, local.

Na perspectiva de Porter (1999), o conceito de *cluster* abrange quatro amplos atributos que geram competitividade para uma nação, (modelo denominado por ele, de “Diamante”), são eles:

a) Estratégia, Estrutura e Rivalidade das Empresas: estratégias gerenciais, educação e rivais poderosos, criam uma vantagem competitiva para um país.

b) Condições de Demanda: o mercado doméstico exerce um efeito importante sobre como as empresas percebem, interpretam e responde às necessidades dos compradores.

c) Setores Correlatos de Apoio: São todos aqueles que se envolvem de forma direta ou indireta para que ocorra a produção de produtos/serviços. A proximidade gera o fornecimento de insumos de um modo eficiente e rápido.

d) Condições dos Fatores: mão de obra, território, recursos naturais, capital e infraestrutura.

O “Diamante” de Porter (1999) compõe um sistema no qual dois elementos promovem melhorias em todos os demais, são eles: A rivalidade doméstica e a concentração geográfica.

A rivalidade doméstica estimula o desenvolvimento, forçando as empresas a buscarem constantemente a inovação de seus processos e produtos. Além disso, acabam gerando novos negócios e setores correlatos de apoio, podendo dessa forma, gerar *clusters*, aglomerados ou conglomerados, criando um ambiente competitivo e favorável para a implantação de novas empresas. Isso causa a concentração geográfica, em que um setor competitivo gera outros por meio de reforço mútuo.

O papel do governo neste estudo é visto como um catalisador, que deve ter como objetivo encorajar ou impelir o setor. Não cabe ao governo a criação de setores competitivos, mas sim ofertar um ambiente propício que leve às empresas à obtenção de vantagem competitiva. Já o papel da empresa é buscar continuamente a inovação e mercados difíceis, para manter-se atualizada às novas estratégias. Também compete às empresas se anteciparem às necessidades do mercado, fomentarem a rivalidade doméstica, aproveitarem as vantagens seletivas de outros países, recorrerem a alianças de forma seletiva, e se localizarem em uma base doméstica para que mantenham a competitividade.

Quanto aos sistemas regionais de inovação, pode-se dizer que são arranjos produtivos em que interdependência, articulação e vínculos consistentes resultam em interação, cooperação e aprendizagem. Tal resultado pode gerar o incremento da capacidade inovativa endógena, da competitividade e do desenvolvimento local. Os *clusters* de sistemas regionais de inovação se caracterizam pela cooperação e relações de competição entre as empresas, que proporcionam um sistema de troca de conhecimento. Enright (1991) concluiu que o crescimento e a permanência dos *clusters* regionais resultam no desenvolvimento de pressões que incentivam a capacidades de inovação. Investimentos em inovação, oportunidade de tecnologia e foco na atividade da inovação, estão relacionados com a concentração das empresas providos pelo ambiente local.

A literatura sobre a inovação sugere que o seu processo pode ser informal, não planejado, cara a cara e em forma de comunicação oral. A concentração geográfica das firmas dos fornecedores e compradores encontrados em muitos *clusters* regionais provê as firmas dentro dos *clusters*, auxiliando na inovação. Isso é particularmente importante para produtos e serviços que emergem pela interação do processo entre produtos e cliente, ou em indústrias das quais os fornecedores ou compradores são fontes importantes para produção de novos produtos e serviços.

*Clusters* regionais frequentemente se tornam repositórios para indústrias especializadas e capacitadas e que agregam o processo de inovação. Com o passar do tempo o conhecimento acumulado e as habilidades são entregues de pessoa para pessoa e as indústrias especializadas se tornam mais comuns dentro dos *clusters*. Além disso, *clusters* regionais, atraem investimentos para novas atividades; mobilizam o governo local por meio da contribuição para indústrias especializadas e infraestrutura; propiciam a criação de associações industriais para pesquisas e comercialização; e promovem a interação com universidades locais, pelas pesquisas e *spill-overs*.

Este intercâmbio entre diferentes atores conduzem à formação de centros de excelência, compostos por diferentes companhias, universidades e instituições de pesquisa, no qual centros de pesquisa e desenvolvimento transformam pesquisa básica advinda da universidade, em produtos e processos aplicados (KETELS, 2004).

Quando uma indústria desenvolve uma forma de conhecimento específico e de pressões e intensivos dão um *upgrade* na capacidade de sucesso continuado da firma. Essas vantagens criadas no seu desenvolvimento podem vir da interação dos indivíduos das firmas das instituições e, principalmente, dos detalhes do território específico.

O País de Gales é considerado um importante exemplo de desenvolvimento de *cluster* em regiões periféricas e é apontado como um caso de sucesso na atração do IDE e na criação de parcerias entre setores públicos e privados, fatores que permitiram o renascimento da economia regional. A forte cooperação entre atores locais e a política de criação de fóruns funcionam como importantes interlocutores da inovação. O papel ativo das instituições locais na economia regional faz com que ocorra um processo *bottom-up* de desenvolvimento regional (CHORINCAS; MARQUES; RIBEIRO, 2001).

Outro exemplo disso é encontrado na Itália. Lá se encontram os clássicos Distritos Industriais de maior sucesso na Terceira Itália, nas regiões de Toscana, Lombardia, Emilia-Romagna, Veneto ou Trentino, atualmente representando 42,5% do emprego industrial e cerca de 1/3 das exportações industriais italianas. Os Distritos Industriais são beneficiados pela concentração geográfica, aproveitam a mão de obra especializada e apostam cada vez mais em setores de inovação e intensivos em capital e tecnologia (CHORINCAS; MARQUES; RIBEIRO, 2001).

O Estado Federado do Baden Wuretemberg também possui empresas que gozam de grande reconhecimento no mercado mundial – cerca de 1/3 da produção industrial regional é destinada à exportação. A mudança tecnológica, a concepção industrial e as estratégias organizacionais da indústria automobilística da região, funcionam como um fator de



dinamismo e inovação para outros setores industriais, tais como o segmento da borracha, do plástico ou de metalurgia. Além disso, a indústria automobilística de Baden-Württemberg se beneficia também das atividades de P&D desenvolvidas em outros setores industriais importantes na região (CHORINCAS; MARQUES; RIBEIRO, 2001).

### **Vantagens dos *clusters* e competitividade relacionada à globalização**

Existem vantagens competitivas tanto na economia globalizada, por meio dos rápidos meios de transporte e comunicação, mercados globais acessíveis, fatores de produção em regiões com custos mais baixos, informações e tecnologias padronizadas globalmente quanto na economia localizada, por meio das vantagens comparativas duradouras, concentração de conhecimento, qualificações especializadas e empresas correlacionadas. Além das quatro forças que determinam as vantagens competitivas de Porter, que são: condições de fatores, condições da demanda, indústrias correlatas e de suporte e estratégia da empresa e rivalidade entre as empresas. Nesse contexto, busca-se entender como a globalização auxilia na competitividade dos *clusters*.

A globalização pode ter influência particular no processo de evolução dos *clusters*. Por meio de sua expansão de vendas, exportações e bens e serviços, ela produz, dentro dos *clusters*, uma tendência de manter ou mesmo fortalecer as relações existentes dentro dos mesmos. A globalização pode resultar na atração de investimento e na descentralização da manufatura, além da criação de bens e serviços que pode ser um fator de competitividade no contexto atual.

Para Porter (1999), a estratégia global, envolvendo operações que se difundem por muitos países, tem sido vista como um meio poderoso de obter economia de escala, assimilar as necessidades dos mercados internacionais, e reunir com eficiência recursos como capital, trabalho, matéria-prima e tecnologia, a partir de fontes de todo mundo. No contexto da globalização, o comércio exterior e o investimento de capital estrangeiro podem proporcionar tanto a oportunidade de elevação do nível da produtividade regional quanto ameaçar seu aumento e, até mesmo, sua manutenção (PORTER, 1999).

A globalização de economias e mercados é o grande motivador à internacionalização, já que a abertura internacional torna-se inevitável às empresas (LEMAIRE; PETIT; DESGARDINS, 1997). Nesse sentido, as redes industriais podem contribuir para a internacionalização das empresas, aqui conceituadas como conjunto de relacionamentos interligados entre empresas. A posição da empresa na rede determina o seu desenvolvimento

futuro, em virtude dos ativos de mercado que detêm e que têm acesso, pois quanto maior o número de relacionamentos da empresa e quanto mais profundos se revelarem, maior será o seu envolvimento nos mercados internacionais.

Nesse contexto, atingir o mercado global se refere a um maior *market share*, logo, maior lucro. No caso de firmas incluídas em uma aglomeração de firmas, essa inserção é de certa forma facilitada, pois ela se aproveita dos consórcios e das redes que se criam dentro de um *cluster* para alcançar o mercado externo.

Não só falando de exportação como também de alianças estratégicas internacionais: *licensing*, *franchising*, subcontratação (menos formais e não necessitam de equidade), aliança estratégica de equidade (firmas com % diferentes de um novo negócio, projeto ou negócio existente) ou *Joint Ventures* (mais formais com equidade) (MARIOTTI; MICUCCI; MONTANARO, 2004).

Porém, embora as empresas de fato se envolvam na competição global, e ainda que os insumos como matérias-primas, capital e conhecimento científico, agora se movimentem com liberdade por todo o mundo, a localidade continua a desempenhar um papel crucial na vantagem competitiva. Pelas diferenças marcantes no desempenho econômico dos países, dos estados e de suas cidades; por uma vasta gama de setores estarem localizados em um ou dois países; e por último, porque as empresas globais continuam a concentrar em uma única localidade sua massa crítica com as atividades mais importantes (PORTER, 1999).

## **Metodologia**

Este estudo é uma pesquisa descritiva, com método qualitativo e de caráter documental. A pesquisa descritiva é feita por meio de observação, registro, análise e correlação dos fatos ou fenômenos sem manipulá-los (CERVO; BERVIAN, 2002). Esta pesquisa também tem abordagem qualitativa no tratamento dos artigos coletados. A pesquisa documental foi utilizada no estudo bibliométrico. Martins e Theóphilo (2007) destacam que a pesquisa documental realiza levantamento de material editado, como livros e periódicos, entre outros. Por sua vez, as pesquisas bibliométricas, conforme Macia-Chapula (1998, p. 134), compreendem “o estudo dos aspectos quantitativos da produção, disseminação e uso da informação registrada”.

A população da pesquisa compreendeu 116 periódicos de alto impacto, brasileiros, classificados pelo sistema *Qualis* da CAPES, no período de 2000 a 2010. O *Qualis* é um conjunto de procedimentos utilizados para a estratificação da qualidade da produção

intelectual dos programas de pós-graduação. Ele afere a qualidade dos artigos e de outros tipos de produção, a partir da análise da qualidade dos veículos de divulgação, ou seja, periódicos científicos e anais de eventos. A classificação de periódicos e eventos é realizada pelas áreas de avaliação e passa por um processo anual de atualização. Esses veículos são enquadrados em estratos indicativos da qualidade – A1, o mais elevado; A2; B1; B2; B3; B4; B5; C (CAPES, 2011).

Para fins da pesquisa, foram adotados os periódicos classificados como A1, A2, B1 e B2, brasileiros, da área de administração, contabilidade e turismo, denominados periódicos de alto impacto. Os demais periódicos, B3, B4, B5 e C, e os periódicos internacionais, por questões de delimitação deste estudo, não foram contemplados. Dos 116 periódicos levantados, 16 possuíam algum artigo relacionado ao tema *cluster* e internacionalização.

O instrumento que caracterizou o estudo bibliométrico correspondeu à escolha de palavras-chave que caracterizam o tema de pesquisa, tais como: “*cluster*” e “internacionalização”, bem como seus similares “*cluster*”, “arranjos produtivos locais”, “distritos” e “internacionalização”, “exportação”, “mercados externos”, “globalização” foram pesquisadas no título, no resumo e nas palavras-chave. O levantamento foi realizado no período de abril a maio de 2011. Além dos autores, também foram levantadas as instituições às quais eles pertencem ou pertenciam na publicação do artigo, informação esta levantada no próprio artigo ou no Curriculum Lattes de cada autor. Na ocorrência de algum pesquisador trabalhar em duas universidades simultaneamente, foi considerado a primeira mencionada.

Também se buscou identificar a abordagem adotada nos artigos, sendo estas classificadas como qualitativa e quantitativa bem como as duas abordagens juntas, ou seja, Quanti-Quali.

Quanto aos procedimentos adotados na análise quantitativa dos dados, utilizou-se da estatística descritiva para o levantamento da produção científica sobre *cluster* e internacionalização, por meio dos periódicos classificados como A1, A2, B1 e B2, disponíveis na relação da Capes (2008).

## **Resultados**

Essa seção está estruturada de modo a trazer uma visão bibliométrica de estudos sobre os temas clusters e internacionalização. A **Tabela 1** apresenta a ocorrência de artigos que contêm os termos: “*cluster*”, “arranjos produtivos locais”, “distritos” e “internacionalização”, “exportação”, “mercados externos”, “globalização” no título e/ou resumo e/ou palavra-chave,

nos periódicos de alto impacto, brasileiros, no ano de 2000-2010. No total foram encontrados 28 artigos relacionando o tema.

Ano	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	Total
Análise Econômica										1		1
ANPEC		1		1		1					2	5
Comportamento Organizacional e Gestão									1			1
Intercom					1							1
O&S -UFBA									2			2
Produção						1						1
RAE									1			1
RAUSP								2				2
READ	1					1	1	1				3
Revista Administração de Empresas					1							1
Revista Economia Contemporânea											1	1
Revista Economia e Política					1							1
Revista Economia Política			1									1
Revista FEE	1							1	1	1		4
Revista Mackenzie									2			2
Revista Sociologias											1	1
TOTAL	2	1	1	1	3	3	0	4	7	2	4	28

**Tabela 1** – Distribuição dos artigos por periódicos.

Fonte: dados da pesquisa.

O periódico que mais artigos publicou com esta temática foi a revista da ANPEC, com cinco artigos, representando 18% do total, seguida pela Revista FEE com quatro artigos, representando 14% do total. Apesar de haver apenas 28 artigos, eles foram publicados em 16 periódicos, representando uma média de 1,75 artigos por periódico.

Em relação à série temporal, temos como período mais produtivo, o ano de 2008, com sete artigos, representando 25% do total. O ano de 2006 apresenta-se como um aspecto negativo, já que nenhum artigo com esta temática foi publicado em periódicos de alto impacto no Brasil.

Continuando a análise dos 28 artigos encontrados nos periódicos brasileiros de alto impacto, considera-se importante o conhecimento das instituições de origem dos autores dos artigos encontrados, com perfil apresentado na **Tabela 2**.

Instituição de Ensino Superior	Total de Artigos	Participação Relativa
UFSC	9	15,79%
USP	7	12,28%
UFPR	5	8,77%
UFMG	5	8,77%
UFSCar	4	7,02%
UFRJ	3	5,26%
Ibmec	2	3,51%
Unisinos	2	3,51%
UFBA	2	3,51%
UFU	2	3,51%
PUCRS	2	3,51%
UCDB	2	3,51%
UFRPE	1	1,75%
UNIFACS	1	1,75%
UFCG	1	1,75%
IPEN	1	1,75%
FGV-SP	1	1,75%
UFRN	1	1,75%
UEPB	1	1,75%
UFRGS	1	1,75%
UFPB	1	1,75%
UFPE	1	1,75%
Unicamp	1	1,75%
FEE	1	1,75%
Total geral	57	

**Tabela 2** – Número de artigos por instituição de ensino superior  
**Fonte:** dados da pesquisa.

Pela tabela 2 é possível observar a UFSC como a instituição com o maior número de autores, tendo pouco mais de 15% do total, com nove autores, seguida da USP com 12,28% e UFPR e UFMG com 8,77% cada. Ressalta-se que, das doze instituições com mais autores, dez (83%) ficam nas regiões sul e sudeste, o que pode representar uma grande concentração das pesquisas.

Com o objetivo de identificar a quantidade de pesquisadores por artigo, foram analisados os artigos, em relação às autorias, descritas na **Tabela 3**.

<b>Número de Autores</b>	<b>Total</b>	<b>Participação Relativa</b>
Trabalhos com 1 autor	<b>7</b>	25,0%
Trabalhos com 2 autores	<b>14</b>	50,0%
Trabalhos com 3 autores	<b>4</b>	14,3%
Trabalhos com mais de 3	<b>3</b>	10,7%
<b>TOTAL</b>	<b>28</b>	100,0%

**Tabela 3** – Número de autores por artigo

**Fonte:** dados da pesquisa.

De acordo com os dados contidos na **Tabela 3**, a maioria dos artigos pesquisados foi escrito por dois autores, 14 artigos de um total de 28, atingindo exatamente 50,0%. Foram encontrados quatro artigos com três autores e três com mais de três autores, cada um deles com 14,3% e 10,7%, respectivamente. Artigos com apenas um autor são o segundo elemento mais frequente, com sete artigos, que representam 25,0% do total. Talvez a justificativa para a preferência predominante para dois autores sejam possíveis trabalhos em conjunto do tipo orientador-orientado, ou seja, professor-aluno, trabalhos estes oriundos de disciplinas dos programas de mestrado e/ou doutorado (VIEIRA, 1998).

No que se refere ao tipo de pesquisa dos artigos selecionados, observa-se, de acordo com os dados contidos na **Tabela 4**, que o percentual mais expressivo de tipo de pesquisa é o não informado, correspondendo a 73,7% dos artigos. Este é um número bastante elevado, indicando um desconhecimento ou descaso para o assunto por parte dos autores. Porém, é possível observar que o tipo de pesquisa exploratória conta com a preferência de 13,7% dos autores contra 8,5% de pesquisas do tipo descritiva e 4% do tipo descritivo-exploratória. Percebe-se que os pesquisadores estão mais empenhados em explorar os novos âmbitos de pesquisa do que descrever fenômenos referentes à inovação.

No entanto, a ausência do tipo de pesquisa causal, a qual procura estabelecer o entendimento na dimensão causa-efeito, demonstra que a metodologia ainda não é adotada pelos pesquisadores da área.

<b>Periódico</b>	<b>nº. Artigos</b>	<b>%</b>
Qualitativa	21	75%
Quantitativa	02	07%
Quanti-Quali.	02	07%
Ensaio Teórico	01	04%
Não Especificado	02	07%
<b>Total</b>	<b>28</b>	<b>100%</b>

**Tabela 4** - Abordagem adotada

**Fonte:** Dados da pesquisa.

Finalmente, a grande parte dos artigos refere-se a estudos de caso. Dos 21 artigos com pesquisas qualitativas, 14 foram estudos de caso únicos, representando 67% do total dos artigos qualitativos e 50% do total de artigos. Por sua vez, cinco foram estudos multicaseos, representando 24% do total das pesquisas qualitativas e 18% do total. Ressalta-se, mais uma vez, a pouca quantidade de pesquisas mais amplas com possibilidade de generalização de resultados, visto que estudos de caso, por definição, não permitem tais considerações.

### **Considerações Finais**

Sabe-se que *clusters* são concentrações geográficas de empresas e instituições interconectadas por uma determinada área de interesse e se caracterizam pela competição e cooperação. Também são uma alternativa de organizar a cadeia de valor, afetam o aumento da produtividade, a inovação e formação de novos negócios e aumentam a reputação das empresas. Além disso, sua relação com a competitividade acontece por meio de atração de investimentos para novas atividades; mobilização do governo local, contribuição para indústrias especializadas e infraestrutura; criação de associações industriais, para pesquisas e comercialização; promoção e interação com universidades locais, pesquisas e *spill-overs*.

As redes industriais fomentam os sistemas de inovação e cooperação entre as empresas, fazendo que elas se tornem mais competitivas e, conseqüentemente, a região em que estão inseridas. Conceituadas como conjunto de relacionamentos interligados entre empresas, ela faz parte da interconexão entre as empresas dentro de um *cluster*, sendo que a posição da empresa dentro da rede determina o seu desenvolvimento futuro, em virtude dos ativos de mercado que detêm e que têm acesso, pois quanto mais relacionamentos a empresa tiver e quanto mais profundos se revelarem, maior será o seu envolvimento nos mercados internacionais. Lembrando que a competição muitas vezes auxilia no processo de crescimento como amadurecimento organizacional necessário para sua internacionalização.

Analisando o referencial teórico, percebeu-se que uma empresa que está inserida dentro de um *cluster* ou outro tipo de arranjo produtivo pode se beneficiar de vantagens competitivas advindas de externalidades da rede ou recursos compartilhados. Assim, essa empresa usufrui de vantagens competitivas no mercado. Verificou-se também que a posição da empresa dentro desse arranjo é um fator determinante para seu desenvolvimento futuro, dado que o arranjo pode servir como catalisador ou inibidor para a empresa. E, em última instância, notou-se que a empresa pode se beneficiar de relações e ativos intrínsecos do *cluster* como diferencial de mercado, pois quanto mais relacionamentos o arranjo tiver e mais

ativos compartilhados, maior será seu envolvimento em mercados internacionais e seu potencial para o êxito em mercados competitivos.

Baseado no exposto, este artigo teve como objetivo levantar a produção científica do tema *cluster* e internacionalização nos periódicos de alto impacto brasileiros de 2000-2010. Constatou-se que, mesmo o tema sendo de grande relevância, os 116 periódicos levantados apresentaram somente 28 artigos.

Em relação aos artigos, a maioria deles foi publicada em 2008, e sua divulgação deu-se por uma quantidade grande de periódicos, representando, em média, 1,75 artigo por periódico.

A vinculação dos autores mostrou-se bastante diversificada, com 25 IES. A mais representativa foi a UFSC, e uma grande concentração foi observada nas instituições das regiões sul e sudeste.

A maior parte das produções, 50%, deu-se com dois autores e em estudos qualitativos, com a predominância de estudos de caso e multicasos.

Muito já tem sido estudado sobre *clusters*, mas ficam claras brechas para muitos outros estudos, enriquecendo o conhecimento nesse campo, principalmente voltados para a realidade brasileira. Futuras pesquisas podem ser realizadas para verificar a relação entre desempenho internacional de empresas dentro de *clusters*.

## Referências

BUCKLEY, P. J. Is the International Business Research Agenda Running Out of Steam? In: **Journal Of International Business Studies**, 33, 2 (Second Quarter 2002): 365-373.

BUCKLEY, P. J. e CASSON. **The future of the multinational enterprise**. London: Homes & Meier, 1976.

CASSIOLATO, J.E; LASTRES, H.M.M. **O foco em arranjos produtivos e inovativos locais de micro e pequenas empresas**. Publicado em Lastres, H.M.M; Cassiolato, J.E.e Maciel, M.L. (Orgs) *Pequena empresa: cooperação e desenvolvimento local*. Rio de Janeiro, 2003.

CERVO, A. L.; BERVIAN, A. **Metodologia científica: para uso dos estudantes universitários**. (3. ed.). São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.

CHORINCAS, J.; MARQUES, I.; RIBEIRO, J. F. “Clusters” e políticas de inovação conceitos, experiências europeias e perspectivas de aplicação a Portugal. Disponível em: <<http://www.dpp.pt/Lists/Pesquisa%20Avanada/Attachments/1118/clusters.pdf>>. Acesso em: 11 jul. 2012.



DUNNING, J. H. Toward an eclectic theory of international production: some empirical tests. In: **Journal of International Business Studies**. n. 2, spring, p. 9-31, 1980.

ENRIGHT, M. J. **The Globalization of Competition and the Localization of Competition: Policies Toward Regional Clustering**. N. Hood and S. Young (eds), *The Globalization of Multinational Enterprise Activity and Economic Development* (London: Macmillan) 2000.

ENRIGHT, M. J. **Geographic concentration and industrial organization**. Ph.D. Dissertation, Harvard University, available through University Microfilms Inc., Ann Arbor , 1991.

FESER, E. J. "Old and new theories of industry *clusters*", In: **Clusters and Regional Specialisation**, edited by M. Steiner, p. 18-40, London, Pion Limited, 1998.

FORSGREN, Mats; HOLM, Ulf; JOHANSON, Jan. Internationalization of the second degree: the emergence of european-based centres in Swedish firms. In: **YOUNG**, Stephen; **HAMILL**, James (Orgs.). *Europe and the multinationals*. Hants: Edward Elgar, 1992.

JOHANSON, J. K; WIEDERSHEIM-PAUL, F. The internationalization of the firm – four Swedish cases. In: **Journal of Management Studies**. 305-322, Oc. 1975.

KETELS, C. Clusters of Innovation in Europe, in *Structural Change in Europe 3 – Innovative City and Business Regions*. Bollscheivel: Hagbarth Publications, 2004. Disponível em: <[http://www.isc.hbs.edu/pdf/Ketels\\_European\\_Clusters\\_2004.pdf](http://www.isc.hbs.edu/pdf/Ketels_European_Clusters_2004.pdf)>. Acesso em: 11 jul. 2012.

KRUGMAN P. **Geography and Trade**. MIT Press, Cambridge: 1991.

LEMAIRE, J. P.; PETIT, G.; DESGARDINS, B. **Stratégies d'Internationalisation**. Paris: Dunod, 1997.

MACIAS-CHAPULA, C. A. **The role of info metrics and scientometrics in the national and international perspective**. In: SCIENTIFIC LITERATURE EVALUATION SEMINAR, São Paulo, mar. 1998.

MARIOTTI, I.; MICUCCI, G.; MONTANARO, P. **Internationalisation strategies of Italian district SMEs: an analysis on firm-level data**. Disponível em: < <http://www-sre.wu.wien.ac.at/ersa/ersaconfs/ersa04/PDF/436.pdf>>. Acesso em: 19 nov.2010.

MARKUSEN, A. “Áreas de atração de investimentos em um espaço econômico cambiante: uma tipologia de distritos industriais”. In: **Nova Economia**, Belo Horizonte/MG, v. 5, 1995.

MARSHALL, W. **Industry and Trade**. London: Macmillan, 1927.

MARTINS, G. A.; Theóphilo, C. R. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. São Paulo: Atlas, 2007.

PORTER, M. E. **Competição: estratégias competitivas essenciais**. Rio de Janeiro, Campus. 1999.

SFORZI, F. **The quantitative importance of Marshallian districts in the italian economy.** In: PYKE, F. BECATTINI, G. and SENGENBERGER, W. (eds.). *Industrial Districts and Interfirm Co-operation in Italy*. Geneva: International Institute for Labour Studies, p.75-107, 1992.

VIEIRA, F. G. D. Por quem os sinos dobram? Uma análise da publicação científica na área de marketing do ENANPAD. In: 22 ENANPAD, 1998, Foz do Iguaçu. **Anais... XXII** ENANPAD. Foz do Iguaçu: ANPAD, 1998.

WEBER, A. **Theory of the location of industries.** University of Chicago Press, Chicago: 1929.

WILIAMSON, O. **Markets and hierarchies: analysis and antitrust implications.** New Yourk: The Free Press, 1975.